

BONECAS, DIVERSIDADE E INCLUSÃO: BRINCANDO COM AS DIFERENÇAS

Michelle Brugnera Cruz

RESUMO – O presente relato de experiência procura problematizar as bonecas, que historicamente fazem parte das brincadeiras infantis e representam os ideais de infância da sociedade. Apresentou-se às crianças uma coleção de bonecas e bonecos “diferentes”: negros, cadeirantes, idosos, com Síndrome de Down, grávidas, entre outros, que foram incluídos nas suas brincadeiras. Buscou-se, com esses materiais, compreender como as crianças operam com os conceitos de diversidade e inclusão. Para a realização da revisão teórica, inspirou-se em autores pós-estruturalistas e nos Estudos Culturais, tratando as bonecas como artefatos culturais. Inicialmente, faz-se uma breve aproximação entre a história das bonecas e a história da infância, versando sobre a representação de normalidade e os modos de ser sujeito infantil por meio das bonecas. Tentou-se descrever as práticas discursivas que emergiram das conversas, atitudes e interações nas brincadeiras, para entender como as crianças operavam tais conceitos. O estudo aponta que a possibilidade de brincar com bonecas diferentes, que representam a diversidade, favorece atitudes mais inclusivas e a aceitação das diferenças.

UNITERMOS: Jogos e Brinquedos. Diversidade Cultural. Inclusão.

Michelle Brugnera Cruz – Licenciada em Pedagogia – FAPA. Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica – FAPA. Possui experiência como professora na educação infantil. Atuou como brinquedista no Programa de Extensão Universitária “Quem quer Brincar?” – UFRGS. Atualmente é professora de anos iniciais da rede municipal de ensino de Porto Alegre – EMEF AMÉRICA, Porto Alegre, RS, Brasil.

*Correspondência: Michelle Brugnera Cruz
Av. Polônia, 1055 / 202 - São Geraldo - Porto Alegre,
RS, Brasil - CEP: 90230-110
E-mail: mibrugnera@gmail.com*

PONTO DE PARTIDA

A educação inclusiva foi fortemente difundida pela Conferência Mundial de Educação para Todos¹, realizada na Tailândia, em 1990, e pela Conferência Mundial de Educação Especial, realizada na Espanha, em 1994, em que foi criada a Declaração de Salamanca². Assinada por vários países, defende a escola para todos, tendo como princípio "a inclusão de toda criança em seu contexto educacional e comunitário". Contudo, muitas crianças ainda estão excluídas das escolas, do sistema de saúde, dos meios de transporte, do acesso ao conhecimento e à cultura. No interior da escola, essa exclusão é reproduzida desde a arquitetura dos prédios, das configurações da sala de aula, da disposição dos tempos e espaços, dos materiais didáticos e nas relações.

Articular educação inclusiva e a diversidade no cotidiano escolar é um desafio, pois pressupõe a compreensão da alteridade. Para isso, é necessário desfazer as tramas da exclusão e abrir espaço para as múltiplas formas de ser sujeito dentro de uma cultura e um tempo histórico³.

Historicamente, os bonecos e bonecas fazem parte das brincadeiras infantis e representam o conceito que a sociedade tem da infância³⁻⁶. São portadores de significados e valores culturais que revelam discursos, concepções e representações de determinada sociedade e cultura. Mesmo com o avanço da legislação a favor da infância e da inclusão, brinquedos adaptados para diferentes necessidades especiais e bonecos e bonecas que representam a diversidade são escassos.

Nas salas de aula do 1º Ciclo do ensino fundamental da escola em que se realizou o estudo, houve a oferta de uma variedade de brinquedos e jogos e foi previsto um tempo para que as crianças brincassem. Dentre eles, os bonecos e bonecas chamam a atenção por representarem apenas um formato de corpo: magro, atlético, de pele e olhos claros. Tal representação inquieta, por ser tão distinta dos corpos das crianças e das professoras, que, em sua maioria, são afro-brasileiros. A escola também apresenta uma variedade de estudantes com deficiência intelectual e deficiências físicas. Mesmo assim, falas e atitudes discriminatórias são frequentes. Dessa

inquietação, surgiu a indagação: quais efeitos que a oferta de uma diversidade de bonecos e bonecas diferentes produz nesse grupo de crianças quanto aos conceitos de diversidade e inclusão?

O presente trabalho procurou versar sobre os bonecos e bonecas como artefatos culturais³⁻⁶, inspirando-se em autores pós-estruturalistas e nos estudos culturais. Inicialmente, faz-se uma breve aproximação entre a história das bonecas e da infância, versando sobre a representação de normalidade e os modos de ser sujeito infantil por meio das bonecas.

Buscou-se problematizar com as crianças e instigar a produção de práticas discursivas no que se refere ao conceito de diversidade e inclusão através das bonecas. Para isso, reuniu-se uma coleção de bonecos e bonecas diferentes dos ofertados pela escola: negros, cadeirantes, idosos, com síndrome de Down, grávidas, entre outros, que foram incluídos nas brincadeiras das crianças.

APROXIMAÇÕES ENTRE A HISTÓRIA DAS BONECAS E DA INFÂNCIA

Ariès⁷ faz um histórico antropológico das concepções da infância e do brinquedo como objeto destinado à infância. Segundo o autor, os bonecos e bonecas tiveram sua origem atravessada pelas imagens e estatuetas com significação religiosa, que estiveram presentes na vida humana desde a Pré-História. As crianças não tinham o direito de se aproximar e manipular essas estátuas, pois se acreditava que possuíam poderes mágicos e eram tidos como objetos sagrados.

Na Idade Média, não se concebia a diferença entre adultos e crianças, portanto, não havia a noção de passagem das idades da vida, as crianças misturavam-se com os adultos assim que eram consideradas capazes de dispensar a ajuda das mães ou das amas, aproximadamente aos sete anos de idade. Nesse momento histórico, não havia lugar para o setor privado. O movimento da vida coletiva arrastava numa mesma condição as idades e a vida social, sem deixar a ninguém o tempo da solidão e da intimidade⁷. As bonecas eram tanto objetos destinados aos adultos quanto às crianças, com diferentes conotações culturais. Segundo Ariès⁷, por não ser nítida a discrimina-

ção cultural entre meninos e meninas, ambos brincavam com as bonecas, compartilhavam os mesmos objetos e o mesmo tipo de vestimenta.

A mudança do caráter formativo medieval está relacionada à mudança do feudalismo para o capitalismo. Nos tempos modernos, com a Revolução Industrial e o modo de produção fabril, a família e a escola afastaram a criança da sociedade dos adultos, o que fez com que surgisse um "sentimento de infância". Houve o advento das famílias, das casas divididas em cômodos, o início da vida privada. A escolaridade tornou-se fundamental para as crianças e jovens.

A "emergência do sentimento de infância"⁸⁻¹⁰ fez com que surgisse um discurso sobre a criança, passou-se a estudar e pensar a infância, caracterizando-a como inocente, necessitando de cuidado e proteção. Por sua dependência e incapacidade de autogoverno, foi necessário criar saberes específicos para o cuidado da infância, e um aparato de tecnologias e produtos voltados especificamente para essa idade da vida foram sendo criados. Dessa forma, os bonecos e bonecas passaram a ser objetos destinados aos sujeitos denominados infantis. No entanto, é no século XVIII, com a Revolução Industrial na Europa e a ascensão da burguesia, que os bonecos e bonecas começaram a ser produzidos em maior escala através da organização fabril. É no advento das bonecas industrializadas destinadas às crianças que está a "invenção da infância"⁸⁻¹⁰.

No século XX, com o avanço da indústria, os fabricantes passaram a produzir bonecas com distintos materiais, como a borracha, a espuma e o vinil. Nesse momento, bonecas e bonecos receberam uma conotação de produção bastante complexa, por meio da aplicação de diferentes técnicas e conhecimentos, como a análise do mercado, as expectativas do consumidor, a criatividade, o *design* das embalagens e acessórios, e os testes em modelos fabricados⁴. Os bonecos e bonecas contemporâneos foram produzidos, a partir desse momento, em três principais correntes: *as bonecas bebê*, *as bonecas manequim* e *as figuras de ação*.

Segundo Brougère^{4,5}, a boneca bebê foi criada no processo de industrialização do século XIX, com o intuito de representar a criança de

forma mais realista e de simbolizar a maternidade, que fizeram grande sucesso e dominaram o mercado de bonecas por muitas décadas. Por representarem a criança como bebê ou menina, essas bonecas permitem e incentivam a representação de uma relação afetiva de cuidado por meio de atos como alimentar, acalantar, pentear, vestir; desenvolvendo rituais de afeição.

As *bonecas manequim* incentivam outro tipo de brincadeira. O objetivo não é cuidar e alimentar a criança-boneca, mas ser a boneca adulta. Inicialmente, eram feitas de porcelana, corpo de tecido e utilizavam roupas com modelagem da moda. A boneca Barbie é a principal representante dessa modalidade de bonecas. Foi criada por Ruth Handler, inspirada nas brincadeiras com bonecas de sua filha Bárbara e em uma boneca para adultos alemã. A Barbie foi apresentada em 1959, em uma feira de brinquedos em Nova Iorque e fez grande sucesso entre as crianças^{5,12}; porém as famílias americanas conservadoras não aprovaram a boneca por sua dimensão sexy. Teve como sua maior inovação a possibilidade das garotas poderem possuir apenas uma boneca, já que estas podiam ter diversas "roupas". Segundo Steinberg¹², "Ela era uma modelo adolescente. Garotas deixavam de embalar bonecas bebê para exigir o mais recente da alta costura à la Mattel. A Barbie era sexy, apesar da maioria das suas proprietárias sequer estar preocupada com sua sexualidade – elas apenas amavam as suas Barbies.

No Brasil, a boneca Susi foi lançada em 1966, apresentando uma modelo de boneca-manequim mais parecido com as mulheres brasileiras. Foi fabricada até 1985 e relançada em 1997. Segundo Souza³, em seu relançamento, suas pernas e cintura ficaram mais finas e os seios mais volumosos.

Os bonecos voltados para os meninos, ou as *figuras de ação*, surgiram no século em XVII, com os soldadinhos de chumbo⁵. Posteriormente, representavam os caubóis norte-americanos. Em 1964, a empresa de brinquedos Hasbro, criou o GI Joe, um boneco militar caracterizado com uniformes diferentes. Posteriormente, os produtores do filme *Guerra nas Estrelas* produziram seus bonecos. O grande sucesso desses brinquedos produziu um novo padrão para os

bonecos de ação em tamanho menor. A partir dos GI Joe, foram criados muitos outros bonecos, como os Comandos em Ação, Power Ranger, e o mais recente Max Steel.

No final do século XX, mesmo com o avanço da legislação a favor da infância e da inclusão, houve pouca produção de bonecas que representassem a diversidade.

BONECAS E A DIVERSIDADE

Os bonecos e bonecas são artefatos culturais^{3-6,10}, que estão articulados a um conjunto de práticas sociais e culturais, pois representam um determinado grupo de pessoas, certos lugares e diferentes identidades ou perfis sociais.

Tendo em vista que são objetos de identificação e representação da normalidade, retratam uma determinada época e lugar, por meio de marcas sociais que estão imersas em relações de poder. Tais marcas revestem-se de ricos significados culturais do ideal de beleza, de corpo e de sujeito. Ao elencar determinadas características como "as melhores", os corpos dos bonecos e bonecas fabricam modos de subjetivação que produzem "verdades" sobre como deve ser o corpo, o comportamento e as atitudes normais.

Na produção dos bonecos e bonecas, algumas características se sobrepõem a outras, produzindo ideias do que seja o normal e o patológico. Segundo Dornelles¹⁰, *"Algumas materialidades se sobrepõem a outras, produzindo certas 'normalidades', desse modo, é 'natural', no caso do uso de bonecos e bonecas, que os mesmos ao fazerem parte da sala de aula de crianças pequenas sejam da raça branca, com olhos azuis e longos cabelos loiros... Assim, tudo o que escapa ou se apresenta diferente deste 'modelo de normalidade', desta 'verdade' acerca da raça branca, é o 'diferente', o 'outro'. E este é o tipo de brinquedo consumido em série para crianças no que tange às 'diferenças' sejam elas raciais, de gênero, geração ou etnia."*

Pele branca, cabelos loiros, olhos claros, corpo magro e atlético são as formas vigentes dos bonecos e bonecas industrializados que são oferecidos pelo comércio atualmente. Todos aqueles que

não apresentam essas características, são considerados diferentes, sendo sua oferta bastante reduzida, são difíceis de serem encontrados, são "menos normais". Ao eleger uma estética corporal, uma raça, um gênero ou geração como "a melhor" se naturaliza e generaliza apenas um modo de subjetivação, e tudo o que é diferente dele, torna-se negativo. Isso ocorre também com a produção de bonecos e bonecas, que não devem estar fora da norma vigente.

CONTEXTUALIZANDO A EXPERIÊNCIA

Os principais objetivos da proposta foram ampliar os tipos de bonecas e bonecos que são oferecidos para as crianças brincarem e problematizarem as diferenças de raça, etnia, geração, características fenotípicas, promovendo atitudes de inclusão. Para isso, foi necessário compor um acervo de bonecos e bonecas diferentes, que representassem certa diversidade. Foram reunidos 12 bonecas e 6 bonecos: bonecas antigas, negras, ruivas, de cabelo liso, de cabelo crespo, com óculos, idosos, obesos, magros, fortes, grávidas, deficientes físicos e portadores de síndrome de Down (Quadro 1). Para transportar essas bonecas, foi confeccionada uma "mala encantada" (Figura 1) com gravuras de diferentes bonecas, inspirada nos trabalhos de Souza³.

O trabalho foi desenvolvido em uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em uma turma do 2º ano do ensino fundamental. A escola atende fundamentalmente às classes sociais de nível socioeconômico baixo, está localizada na periferia da cidade, sendo de difícil acesso por meio do transporte público urbano. A escola é considerada de médio porte e atende aos nove anos do ensino fundamental.

Participaram da proposta 24 crianças, 13 meninos e 11 meninas, com idades entre 7 e 8 anos. Foram desenvolvidos 10 encontros semanais, realizados de Setembro a Dezembro de 2010.

Os encontros com os bonecos e bonecas tinham como principal objetivo possibilitar que as crianças falassem de suas impressões dos (as)

BONECA/O	CARACTERÍSTICAS	BONECA/O	CARACTERÍSTICAS
	Boneca "Lenara". Boneca negra. Amiga da Barbie. Coleção So in Style. Mattel, 2009.		Boneca da personagem Rapunzel. Princesas da Disney, 2010.
	Boneca "Trichelle". Boneca negra. Amiga da Barbie. Coleção So in Style. Mattel, 2009.		Boneca Barbie russa. Coleção Bonecas do Mundo. Mattel, 2009.
	Boneca menina mulata. "Briana Joy". Corpo de tecido, cabeça de biscuit. Only Hearts Club, 2008.		Boneca "Becky". Boneca cadeirante amiga da Barbie. Mattel, 1994.
	Bebê negra. Coleção Mini-pedacinho. Cotiplás, 2006.		Boneco do personagem Chad. Coleção High School Music. Mattel e Disney, 2007.
	Bebê portadora de Síndrome de Down. Coleção Mini-Pedacinho. Cotiplás, 2006.		Ken negro. Namorado da Barbie, Coleção So in Style. Mattel, 2010.
	Boneca menina ruiva. "Lily Rose". Boneca ruiva. Corpo de tecido, cabeça de biscuit. Only Hearts Club, 2008.		Boneco de óculos. Feito de porcelana e tecido. Espanha, 1989.
	Boneca Barbie "Cindy Lauper". Coleção Ladies of the 80. Mattel, 2009.		Boneco pai da Barbie grávida. Coleção Happy Family. Mattel, 2003.
	Boneca Barbie grávida. Coleção Happy Family. Mattel, 2002.		Boneco do personagem Bert, do filme Mary Poppins. Disney e Mattel, 2007.
	Boneca mãe da Barbie grávida. Coleção Happy Family. Mattel, 2003.		Boneco Max Steel. Coleção Turbo Missions. Mattel, 2009.

Quadro 1 – Características dos bonecos e bonecas.

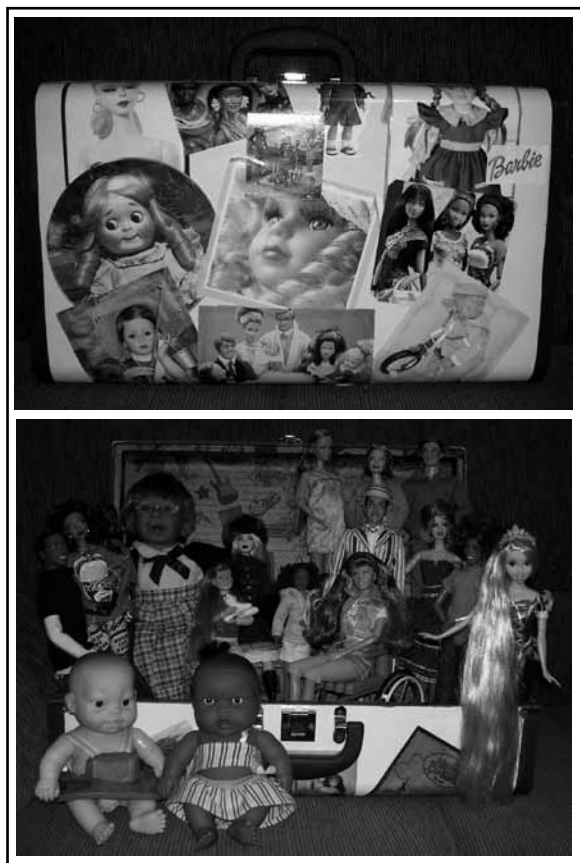


Figura 1 – Mala encantada de bonecas.

bonecos (as). Para isso, suas discursividades, comentários, críticas, atitudes, saberes foram analisados. Buscou-se “dar voz” às crianças, vê-las como atores sociais, com uma postura ativa frente à cultura. Tal postura teórico-metodológica advém dos estudos da sociologia da infância^{13,14}, que busca falar das crianças como atores sociais, considerando os processos de releitura, reinvenção e reprodução realizados pelas crianças. Segundo Delgado e Muller¹³, “*A sociologia da infância estimula a compreensão das crianças como atores capazes de criar e modificar culturas, embora inseridas no mundo adulto. Se as crianças interagem no mundo adulto porque negociam, compartilham e criam culturas, necessitamos pensar em metodologias que realmente tenham como foco suas vozes, olhares, experiências e pontos de vista*”.

Pesquisou-se e ouviu-se as crianças, suas infâncias e suas relações com as bonecas. Analisou-se a dialética da cultura infantil, tecidas por elas em suas relações e significações dos objetos e artefatos culturais. Posteriormente, a mala passou a fazer parte permanente dos momentos de brincadeiras na sala de aula.

BRINCANDO COM AS BONECAS E BONECOS: O ESTRANHAMENTO, A DISCRIMINAÇÃO E A INCLUSÃO

Nos encontros com os bonecos e bonecas, as crianças produziram diferentes discursos, ora de estranhamento, ora de discriminação e em outros momentos mostraram-se receptivas às diferenças representadas pelas bonecas.

Algumas falas das crianças evidenciaram um estranhamento (Figura 2) referente às características da boneca bebê com síndrome de Down, da boneca menina ruiva, a boneca menina mulata e o boneco do personagem Bert. Esse estranhamento ocorreu, possivelmente, pelo fato de as crianças brincarem, na maioria das situações, apenas com bonecos que apresentam um tipo de corpo, de etnia e geração.

O estranhamento ao cabelo, às características do corpo, do rosto, mostra que o modelo de beleza e “normalidade” vigente exclui a diversidade cultural. Os bonecos e bonecas podem parecer, a princípio, objetos inocentes destinados às crianças. Contudo, estão imersos nas relações de poder, apresentando discursos implícitos à sua materialidade do que é bom, agradável, normal e verdadeiro para a cultura hegemônica.

A oferta de bonecos(as) que apresentam apenas um “tipo” físico e cultural ensina “verdades” sobre corpo, raça, etnia para as crianças^{3,10} que ficaram evidentes nos discursos de estranhamento aos bonecos e bonecas diferentes.

As crianças também reproduziram discursos de discriminação de raça, religião, gênero, etnia, geração, demonstrando o quanto estão imersas em preconceito culturais (Figura 3). A cor da pele e o tipo de cabelo foram tomados como marcadores de normalidade, em que o branco e o liso se sobrepõem ao negro e crespo. As falas “cabelo

	Que bebê estranho! Ele tem uma coisa no rosto. (Menino de 8 anos). Os olhos dessa boneca são diferentes! (Menino de 7 anos). Os olhos são esquisitos e a língua está quase para fora da boca. (Menina de 7 anos).
	Que cabelo brilhante! Ninguém tem o cabelo assim! E a cara com essas pintinhas... (Menina de 8 anos) Essa boneca é estranha! Parece que os cabelos e o rosto estão queimados. (Menino 7 anos).
	Essa boneca é diferente, tem a cara estranha! (Menino de 7 anos). Ela tem a bochecha assim (mostrando uma bochecha inchada com ar). (Menino de 7 anos).
	Que boneco esquisito! Ele segura uma bengala e tem a cara diferente. (Menina de 7 anos). Que cara feia! O nariz dele é diferente. Nunca vi boneco de chapéu e bengala! (Menino 7 anos).

Figura 2 – Discursos de estranhamento.

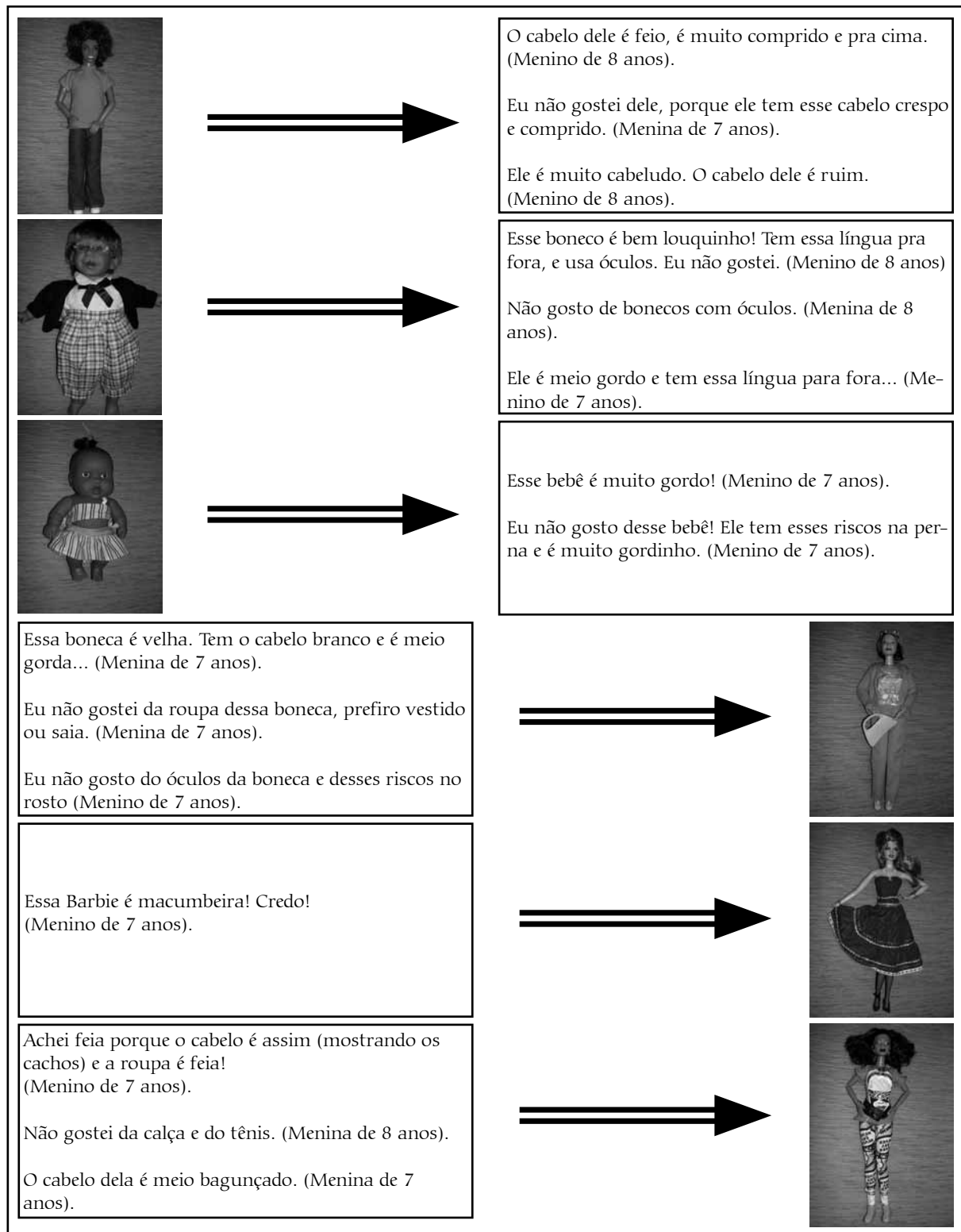


Figura 3 – Discursos de discriminação.

ruim", "cabelo bagunçado" referentes ao boneco do personagem Chad e da boneca negra Trichelle mostram um preconceito ao cabelo crespo, característicos da raça negra.

A fala referente à Barbie Cindy Lauper: - Essa Barbie é macumbeira! Credo! Apresenta um discurso de discriminação de raça e religião. O termo macumbeira é o adjetivo da palavra macumba que, segundo o dicionário Houaiss¹¹ é uma "*designação leiga dos cultos afrodescendentes em geral (e seus ritos respectivos)*". Dessa forma, apesar dessa boneca representar um corpo branco, suas vestimentas e características fizeram essa criança lembrar-se dos cultos das religiões afrodescendentes, o que, para ela, não se mostrou agradável.

Falas como "*Essa boneca é velha. Tem o cabelo branco e é meio gordinha...*", referentes à boneca "avó" da Barbie, demonstraram discriminação quanto à geração, pois as falas das crianças representaram claramente a supervalorização da juventude, como superior às gerações mais velhas.

Em outras falas, pôde-se perceber uma discursividade de aceitação (Figura 4), admiração de diferentes características, tanto das que já são vigentes, como das minorias. Falas como "*Essa Barbie é linda!*", "*Eu gostei dessa princesa porque ela tem um cabelão*" e "*A Barbie é a boneca mais legal*" evidenciam que bonecas do tipo Barbie e as princesas da Disney representam corpos marcados pelas "verdades" difundidas nos séculos XX e XXI³, ensinando sobre um corpo de mulher idealizado: branco, magro, alto, com seios fartos e longos cabelos loiros. As marcas de normalidade inscritas nessas bonecas demonstram um pensamento hegemônico e eurocêntrico³.

De outro modo, discursos como "*eu gostei do Max Steel, ele luta e tem armas*", "*ele é legal, é um boneco de luta!*", referentes ao boneco Max Steel, trazem muito da representação de masculinidade dos bonecos destinados aos meninos: as figuras de ação. Isto é, o Max Steel é o herdeiro do GI Joe referido anteriormente. Esses bonecos possuem padrões de beleza masculina hegemônica: pele branca, olhos claros, corpo musculoso, cabelo liso, rosto com expressão agressiva.

O Ken negro foi bem aceito pelas crianças, que o identificaram com o personagem do

game GTA, um jogo que representa violência e agressividade, demonstrando as mesmas características "viris" do Max Steel.

Bonecos e bonecas que não possuíam as características hegemônicas como a Becky, boneca cadeirante, foram bem aceitas pelas crianças, tendo em vista o quanto eram solicitadas nas brincadeiras e em suas falas, evidenciando que nem todas as crianças seguem os padrões hegemônicos.

Nos momentos de brincadeiras, observou-se que inicialmente os meninos brincavam somente de "lutas" com os bonecos, principalmente com o Max Steel. O boneco de óculos participou de muitas encenações de brigas nas quais era alvo de golpes proferidos pelos outros bonecos. As brigas sempre eram "iniciadas" pelo boneco de óculos por "mostrar a língua" para os demais bonecos. Certa vez, seus óculos foram atingidos e quebraram. As crianças sentiram muito e ficaram bastante preocupadas se conseguiríamos consertá-lo. Somente quando o boneco foi consertado, é que foi incluído novamente nas brincadeiras, fazendo o papel de vilão.

As Barbies eram admiradas por eles, porém, mesmo demonstrando vontade, não brincavam com elas. Tal comportamento poderia estar perpassado pelas expectativas dos adultos para que desenvolvam características de uma "masculinidade normal", já que culturalmente existe um discurso de que "menino não brinca de boneca", apesar de observarmos que isso não ocorre, já que frequentemente meninos compartilham brincadeiras de bonecas com as irmãs, primas e colegas da escola⁵. Com o tempo, passaram a brincar com as Barbies e princesas e solicitavam escovas e acessórios para arrumá-las (Figura 5). O Max Steel passou de "lutador" para príncipe, namorado, pai de família e paciente de hospital.

As meninas, desde o início, brincaram com as bonecas negras e a Barbie russa. A presença de bonecas tipo Barbie negra nas brincadeiras promoveu uma nova visão de raça. Haja vista, o quanto a boneca negra Lenara era solicitada e disputada.

A boneca Becky cadeirante também esteve presente nas suas brincadeiras, sendo a sua "cura" um dos principais temas. Geralmente, a boneca mãe da Barbie era colocada como

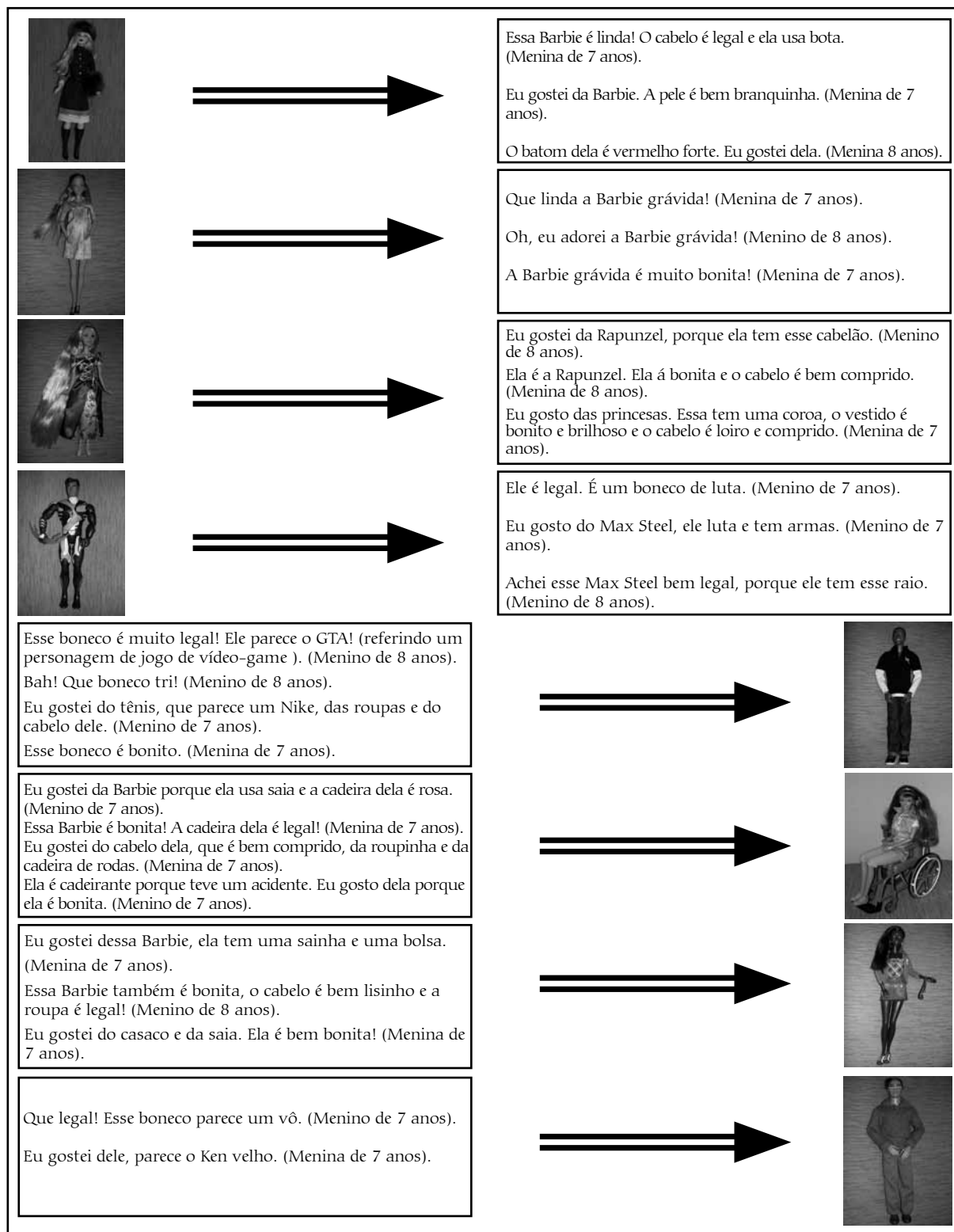


Figura 4 – Discursos hegemônicos e de inclusão.



Figura 5 – Meninos brincando com as bonecas.



Figura 6 – Menina e meninos brincando com as bonecas.

cuidadora da Barbie cadeirante. O boneco pai da Barbie esteve bastante presente nas brincadeiras das meninas. As bonecas bebê negra e bebê portadora de síndrome de Down não foram incluídas nas brincadeiras, possivelmente pelo desejo de brincar “de ser adultas”.

Possibilitar esses encontros com bonecos e bonecas, ouvir a discursividade das crianças, fazê-las refletir sobre a diversidade e que pudessem representar as diferenças em suas brincadeiras. No final do projeto, as brincadeiras estavam bastante transformadas. Alguns meninos já se permitiam brincar de princesas com as meninas (Figura 6) e as falas de discriminação não eram mais frequentes.

PONTO DE CHEGADA

Pensar a diversidade na presente pesquisa foi uma forma de mirar os conceitos hegemônicos de “normalidade” como um discurso de “superioridade”. Frequentemente as crianças são educadas desde pequenas a seguir os padrões hegemônicos que lhes são apresentados. A categorização de atitudes, falas, hábitos, comportamentos, características físicas, que são tidos como “normais” e aceitáveis são apreendidos desde muito cedo.

Os múltiplos modelos de subjetividades apresentados pela cultura por meio dos artefatos culturais voltados para a infância produzem efeitos no desenvolvimento das crianças. Os discursos apresentados neste estudo mostram um paradoxo

de conceitos, sentimentos e atitudes frente às diferenças. Em alguns momentos, as crianças mostraram-se espantadas com algumas alteridades, em outros se mostraram racistas e preconceituosas ou solidárias e afetivas. Essa diversidade nos discursos infantis denuncia o modo como as múltiplas subjetividades são tramadas nas relações.

As implicações teóricas do presente trabalho contribuem para a problematização e estranhamento dos brinquedos oferecidos para as crianças e fazem uma provocação para que os bonecos e bonecas representem as diferenças e a diversidade cultural. O enfoque dado à dimensão cultural do brinquedo e da boneca como “espelho da sociedade”^{4,5} agrega valor social ao brinquedo.

As contribuições práticas indicam a importância de ofertar bonecas diferentes que representem a diversidade na qual vivemos. Em tempos de inclusão, é necessário que os (as) bonecos (as) apresentem a diversidade fenotípica e os diferentes modos de ser sujeito na contemporaneidade. Os professores precisam estranhar os artefatos para a infância e se desfazer do pensamento moderno, que admite apenas uma verdade única e uma infância idealizada. É preciso dar voz às crianças, escutá-las e pesquisar, problematizar, discutir com elas.

O sistema de ensino brasileiro prevê a inclusão de alunos portadores de necessidades especiais, bem como o trabalho com a diversidade cultural e étnica. O brincar deve ser destinado a todos, e os brinquedos devem representar esse direito.

SUMMARY

Dolls, diversity and inclusion: playing with diversity

This experience report aims to discuss the dolls, which historically are part of children's games and represent the ideals of childhood in society. Children were presented to a collection of different dolls representing black people, wheelchair users, elderly, individuals with Down syndrome, pregnant women, among others, which were included in their play. Through the use of those materials, we aimed to understand how children operate with the concepts of diversity and inclusion. The theoretical review is based on the work of Poststructuralist and Cultural Studies authors dealing with dolls as cultural artifacts. Initially, we draw a parallel between the History of Dolls and the History of Childhood and discuss the concept of normality and how children manifest their infantile subject through dolls. We describe the discursive practices that emerged from their conversations, attitudes and interactions in the games as an attempt to understand how those concepts operate. The study indicates that the possibility of playing with different dolls, which represent the diversity, promotes more inclusive attitudes and fosters the acceptance of differences.

KEY WORDS: Play and Playthings. Cultural Diversity. Inclusion.

REFERÊNCIAS

1. UNESCO. Declaração Mundial sobre Educação para Todos: Satisfação das necessidades básicas de aprendizagem. Jontiem, 1990. UNESCO, 1998. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>> Acesso em: 4/12/2010.
2. Declaração de Salamanca. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>> Acesso em: 4/12/2010.
3. Souza FM. Revirando malas: entre histórias de bonecas e crianças. [Dissertação de Mestrado]. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul;2009.
4. Brougère G. Brinquedo e cultura. São Paulo:Cortez;2001.
5. Brougère G. Brinquedos e companhia. São Paulo:Cortez;2004.
6. Bujes MI. Criança e brinquedo: feitos um para o outro? In: Costa MV, Veiga-Neto A, eds. Estudos culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto Alegre:Editora da UFRGS;2004.
7. Ariès P. História social da criança e da família. Rio de Janeiro:LTC;2006.
8. Dornelles LV. Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber. Petrópolis:Vozes;2008.
9. Dornelles LV. Meninas no papel [Tese de Doutorado]. Porto Alegre:Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul;2002.
10. Dornelles LV. O brinquedo e a produção do sujeito infantil. Centro de Documentação e Informação sobre a Criança. Universidade do Minho. Instituto de Estudos da Criança;2003. Disponível em: <http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/textos/obrinquedo.pdf> Acesso em: 3/12/2010.
11. Houaiss A. Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro:Objetiva;2009.
12. Steinberg SR. A mimada que tem tudo. In: Steinber SR, Kincheloe JL, eds. Cultura infantil: a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro:Civilização Brasileira;2004.
13. Delgado ACC, Muller F. Sociologia da infância: pesquisa com crianças. Educação e Sociedade. 2005;26(91):351-60. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a02v2691.pdf>> Acesso em: 30/11/2010.
14. Corsaro WA. The sociology of childhood. Indiana University: Pine Forge Press;2005.

Trabalho realizado em uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre, RS, Brasil.

*Artigo recebido: 30/3/2011
Aprovado: 28/4/2011*